

UMA CÂMERA NA MÃO E UM DISPOSITIVO NA CABEÇA: CARTA AOS PESQUISADORES

Fortaleza, 08 de dezembro de 2012.

Caros colegas do Grupo da ANPEPP,

Gostaria de ter me encontrado com vocês no Rio para trocar as primeiras versões de nossas cartas, bem como de compartilhar as vicissitudes da falta de hábito em escrevê-las... As formas de comunicação de necessidade imediata, mediadas pelas novas tecnologias, e a formatação dos textos acadêmicos parecem contribuir para o esvaziamento, enquanto pesquisadores em ciências humanas, do ato da escrita para além da comunicação e da informação.

Li as primeiras versões das cartas discutidas na ocasião, bem como a ata enviada por Danilo e Solange. Muitos de vocês falaram como é penoso, custoso novamente exercitar uma escrita mais próxima do gênero textual da carta do que de artigos, relatórios, capítulos de livros nos moldes tradicionais. Talvez por não estar presente, antes de trazer para vocês as minhas inquietações nos (des)caminhos das pesquisas que ando fazendo, senti necessidade de partilhar com vocês as minhas impressões da ata e das primeiras versões das cartas enviadas e lidas no encontro.

As leituras me remeteram a um texto-conferência de Gilles Deleuze de que gosto muito: “O ato de criação”. Falando para estudantes de cinema, o filósofo adverte que as artes, dentre elas o cinema, não têm como objetivo comunicar ou informar. A informação pretende uma compreensão única, pois é, em última instância, palavras de ordem. O filósofo chega a compará-las com declarações de polícia. Deleuze diz que o ato de criação, a obra de arte está mais próxima da resistência do que da comunicação.

Creio que a ideia de escrevermos cartas para colegas, amigos, alunos, jovens pesquisadores, aposta, de certa forma, na tentativa de trazer um pouco de criação para a academia (bem sei que não sou artista...); ser uma resistência aos modos determinantes atualmente onde impera a informação; exercitar uma escrita mais livre, porém não menos rigorosa na tarefa de compartilhar alguns processos de pesquisa.

Vou tentar escrever sobre minhas inquietações atuais, menos para informar ou comunicar resultados de minhas pesquisas, e mais para pensá-las enquanto processo, como um pequeno, ínfimo, ato de criação.

Bem, escrevo para compartilhar com vocês um pouco do que tem se passado comigo nas pesquisas que venho realizando com jovens de escolas públicas em Fortaleza, especialmente uma em particular, que ativou a minha necessidade de pensar o vídeo como dispositivo de pesquisa nas ciências humanas, tema desta carta. Trata-se da pesquisa: “Juventude, mídia e sexualidade”, que coordenei durante dois anos e na qual trabalhei utilizando o vídeo com os jovens estudantes. Algumas questões relacionadas ao seu cotidiano, tais como: sexualidade, escola, família, relação com a mídia, foram problematizadas através de vídeos a que assistiram, discutiram e criaram. Para esse trabalho, além de estudantes de psicologia, tivemos a ajuda de estudantes do curso de audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC). Já faz algum tempo, nas pesquisas que oriento, tanto na graduação quanto na pós-graduação, que o vídeo é uma ferramenta utilizada. No entanto, creio que, nessa pesquisa, eu e o grupo de estudantes radicalizamos, e o vídeo assumiu uma centralidade.

Como nos próximos anos pretendo me dedicar novamente à discussão dos modos de subjetivação da juventude através da mídia, utilizando-me do vídeo, penso que seu uso na pesquisa deva ser, por mim, melhor discutido. Trago aqui alguns questionamentos iniciais que vêm me inquietando; delírios de alguém que se encontra engatinhando, Tateando na aventura de pensar a centralidade do vídeo na pesquisa com jovens. Digo centralidade pois a pesquisa não seria a mesma sem o vídeo.

Início com uma cena da pesquisa para ver se consigo me fazer entender. Aliás, ao longo desta carta, procurarei trazer algumas cenas da pesquisa, articulando-as às questões que me inquietam. Vamos lá: desde o primeiro dia do grupo de discussão, com cerca de 12 jovens do ensino médio de uma escola pública, acordamos não apenas a autorização de filmar nossos encontros, mas que a câmera transitaria entre os alunos pesquisadores da UFC e os alunos da escola. Percebemos logo de início o fascínio pela câmera, pois a maioria dos estudantes da escola disputava o direito de filmar. Por vezes, as discussões sobre a relação sexualidade e mídia “perdiam” para conversas acerca do controle da câmera, ou para a brincadeira de estar filmando um/uma colega. No grupo de pes-

quisa, ao realizar as primeiras transcrições, vimos que a temática, digamos principal, era entrecruzada por “me dá essa câmera”, “tira a câmera daqui” ou “não quero te filmar não”... Perguntamos como tinha sido a experiência de filmar e eles disseram preferir filmar a serem filmados, pois assim não apareciam. Na hora a resposta nos intrigou: estariam na contramão dos que falam da existência via visibilidade na mídia? Preferiam não aparecer? No decorrer dos encontros percebemos que, através do uso da câmera, o que se evidenciava ali era a possibilidade de ter controle sobre a imagem de si e a imagem do outro.

Gostaria de chamar a atenção para a seguinte questão: se, por um lado, todos nos encontramos interpelados, subjetivados pela cultura imagética, pela sociedade midiaticizada, por outro, há, com relação aos jovens, algo que desconho ser, digamos, especial. Em nossa cultura contemporânea ocidental, há uma centralidade da juventude. Atualmente todos parecem querer ser jovens: crianças, adultos e idosos. Na mídia, ora essa juventude é exaltada, com sua beleza e atitude *teen* em publicidades e programas em geral, ora é considerada em perigo (ou risco) e/ou potencialmente perigosa. Sabemos que a mídia, especialmente a televisão, os jornais e as revistas performatizam estereótipos. Nesses, *grosso modo*, há duas formas de construção discursiva distintas: de um lado, uma juventude preferencialmente classe média e de outro, aqueles que vêm das classes populares — diga-se de passagem, grupo ao qual pertenciam os estudantes do grupo.

Começamos a buscar mais subsídios teóricos que pudessem dialogar com o que estávamos vivenciando em nossos encontros semanais no campo. O texto de Solange Jobim e Souza, “Por uma epistemologia da imagem técnica”, publicado na revista *Pesquisa e Práticas Psicossociais* e proveniente de outro encontro de alguns integrantes do grupo da Anpepp, fez coroar algumas inquietações. Nesse texto, Solange fala da atualidade das tecnologias da imagem como possibilidade de narrarmos nossa experiência, e da importância das ciências humanas incorporarem essa narrativa, de forma reflexiva, como instrumento teórico-metodológico de problematização da contemporaneidade. O uso do vídeo em pesquisa pode nos ajudar a refletir sobre a nossa participação na criação da cultura, colocando em destaque as mediações tecnológicas que provocam certo modo de existência e que, de tão evidentes, muitas vezes insistem em não aparecer. Usar o vídeo como instrumento de

pesquisa é, assim, trazê-lo para o centro da arena do debate. Dessa forma, busca-se um reposicionamento, não apenas do ato de pesquisa, mas do cotidiano em que muitas vezes somos, sob forma sutil ou não, capturados.

Como pode ser interessante “frear” o curso das imagens pré-fabricadas! Tomo aqui as palavras do escritor Ítalo Calvino no ensaio “Visibilidade” do livro *Seis Propostas para o Próximo Milênio*: “Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo” (CALVINO, 1988, p. 107). Notem que o referido texto é de 1988, antes do advento da internet, com seus *orkuts*, *facebooks*, *instagrans* etc. O culto à própria imagem, a exibição de si como discute Paula Sibilia em seu livro *O show do eu*, já presente na mídia do tipo *broadcasting*, atualmente é cada vez mais potencializada nas chamadas redes sociais, muito utilizadas especialmente pelos jovens.

Voltando ao texto de Solange, o artigo traz alguns princípios epistemológicos para o uso do vídeo, que vão desde a descrição e análise da especificidade das relações entre pesquisador e seus outros no contexto da videogravação, passando pela construção de coautoria, em que o grupo participa ativamente de todo o processo, chegando à discussão, também coletiva, da intencionalidade, da finalidade do vídeo documentário. Assim, inserir as imagens como tema de discussão pode ajudar a colocar um pouco de freio em seu curso. Analisar como as imagens são feitas, suas intencionalidades, como somos subjetivados por elas e quais as imagens de que sentimos falta e/ou gostaríamos de criar.

Pois bem, como já disse, tenho trabalhado cada vez mais em minhas pesquisas o vídeo com jovens. Nunca o pensei como registro, como representação da cena enunciativa da pesquisa. Discuto-o, antes, como um documento, e como tal o seu uso se coloca como construção socialmente datada e marcada pelo encontro pesquisador-campo. Para pensar como tratamos o vídeo como documento, trago mais uma cena da pesquisa: no primeiro dia da roda de conversa com os jovens, a ideia era, além de falarmos um pouco das motivações de estarmos ali, iniciar a discussão sobre a participação da mídia na sexualidade juvenil. Para tanto, começamos nós mesmos a filmagem e depois passamos a câmera

para um dos alunos, que se mostrou disposto a filmar. Logo em seguida a câmera circulou por outros alunos, mas notamos que eles haviam filmado no “modo pesquisador”, isto é, reproduziam nossa forma de filmar, focalizando sempre em quem estava falando. Queríamos o contrário, que a filmagem evidenciasse um pouco o olhar deles sobre o grupo, construído via tecnologia de imagem. Em nossa reunião de pesquisa, discutimos tal fato e, como estratégia, no encontro seguinte, a câmera foi já ligada por um dos alunos participantes. Talvez imbuídos por uma maior intimidade conosco e/ou por termos mudado de estratégia, algo se produziu. Eles passaram a brincar com a câmera, filmando colegas que não estavam falando, provocando-os. A câmera passou a atuar como um outro participante da pesquisa, que, como tal, mudava a configuração do grupo.

A presença da imagem técnica, através do vídeo, foi tomando certa centralidade, que me faz pensá-lo como um dispositivo da pesquisa e é sobre isso que gostaria de trocar com vocês.

Por que dispositivo? Vocês poderiam me perguntar. Dispositivo, pois constrange, condiciona, controla formas de ser e de pensar? Ou porque é uma ferramenta que produz análise, produz acontecimento, muitas vezes para além da própria pesquisa? Qual o *sentido* que busco quando falo do vídeo como dispositivo?

Foi também Solange que me fez adentrar no universo de Mikhail Bakhtin e seus conceitos de polifonia e polissemia para pensar o dialogismo na pesquisa em ciências humanas. Quero assim aqui trazer a polissemia do conceito de dispositivo para a arena desse debate.

Parto inicialmente da concepção de Foucault. Se em seu eixo inicial a preocupação do pensador francês recai na arqueologia da *episteme*, na relação saber-verdade e suas implicações na forma sujeito na modernidade, posteriormente, em seu eixo genealógico, Foucault problematiza o sujeito em sua relação com o poder, num movimento, ao mesmo tempo, de deslocamento e de aprofundamento da questão do saber. Se no primeiro momento evoca o sujeito como efeito do discurso, no segundo recai sobre o sujeito assujeitado em práticas divisoras causadas pelo dispositivo (o dispositivo disciplinar, de aliança, de sexualidade). Foucault esclarece no livro de entrevistas *Microfísica do Poder* que o dispositivo é composto por uma rede heterogênea que compreende discursos que, em conjunto, formam determinada composição mais ou menos estável. Segundo o próprio Foucault, o dispositivo é

criado em um contexto histórico para responder a uma urgência, tendo uma função estratégica dominante, muitas vezes atrelada seja ao controle-repressão, seja ao controle-estimulação.

No dispositivo encontram-se presentes máquinas de fazer falar e fazer ver. Particularmente, gosto muito quando Deleuze, em seu livro sobre Foucault, escreve que o dispositivo compreende um *mingau* que mistura um jogo de enunciação e de visibilidade. Assim, este parece estar inscrito no que nos constrange, nos captura, em toda uma maquinação de controle do corpo, do sexo, da vida... No dispositivo de sexualidade, por exemplo, a incitação a falar sobre o sexo sob forma de confissão (religiosa ou laica, com critérios cristãos ou científicos) marca a estimulação dos corpos, a incitação ao discurso, segundo estratégias de saber e de poder. Falamos o tempo todo de nosso próprio segredo... Foucault ainda diz, na História da Sexualidade I, ser a ironia desse dispositivo, acreditar que nele se inscreve nossa “liberação”.

Em nossa atualidade, a mídia como máquina de fazer ver e fazer falar atua, segundo Rosa Bueno Fischer, como dispositivo. Pensemos, por exemplo, no cotidiano da mídia, em que diariamente somos chamados, crianças, jovens ou adultos, a confessar nossas vidas, falar de nossas intimidades, constituindo um dispositivo pedagógico. A confissão, estratégia bem conhecida do dispositivo de sexualidade é aqui desterritorializada do *setting* religioso, médico ou terapêutico e reterritorializada no cotidiano de *reality shows*, programas de auditórios, jornais e *sites* de belezas. Não mais marcado pela privacidade, mas num *borramento* de fronteiras entre o público e o privado. Certa vez, numa roda de conversa em que discutíamos a relação entre a sexualidade juvenil e a mídia, um estudante falou “*E com a internet agora, você compartilha a vida!*”. Segundo Rosa Fischer, a televisão, e também podemos estender à internet, cotidianamente nos ensina quem somos e o que devemos fazer de nossas vidas. Os jovens com quem pesquisamos parecem saber disso.

Mas também é no limite do dispositivo que Foucault evoca a resistência, a fissura, talvez mais presente no seu terceiro eixo de pesquisa, quando trabalha as tecnologias de si e os modos de subjetivação. O dispositivo não é algo encerrado em si mesmo. Há no seu limite algo que lhe escapa, resistências, uma força sobre si mesmo, que Foucault chamou de subjetivação. Não algo da ordem de uma relação do sujeito “com seu umbigo”, mas uma individuação relativa a grupos ou pessoas, que diz respeito a um

processo tornado viável dentro das condições de possibilidade do dispositivo. Assim, as forças presentes são móveis, instáveis, heterogêneas, tensas, provocando resistências e fissuras. Deleuze, referindo-se a Foucault, no seu ensaio “O que é um dispositivo”, escreveu que este compreende linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se misturam com formas sedimentadas. Fissuras, fraturas que no limite podem levá-lo à direção de outro dispositivo. O trabalho do pesquisador, diria Deleuze a respeito do trabalho de Foucault, seria desembaralhar essa teia, as linhas do dispositivo.

Na mídia, dispositivo pedagógico, também algo cotidianamente escapa. Usos impensados da imagem, jovens formando coletivos políticos de mobilização popular através do uso do vídeo, postagens no Youtube de versões não autorizadas nos grandes veículos de comunicação... Enfim, formas/forças de apropriação, provocando outros modos de subjetivação também atravessados pelo uso da imagem técnica, que podem atuar no limite desse dispositivo.

Na pesquisa, em uma das seções, analisando o programa “Altas Horas” (Rede Globo) de Serginho Grossman, os alunos evocaram que a fala dos jovens que tiram dúvidas com uma especialista, no caso a sexóloga Laura Muller, tenta escapar da confissão presente no dispositivo sexualidade que a cena enunciativa do programa evidencia. De um lado, jovens falando sobre a sexualidade juvenil, tirando dúvidas, perguntando sobre o certo e o errado. De outro, a especialista, porta-voz da ciência e da vontade de verdade. Os estudantes chamaram a atenção para o fato de que os jovens, ao fazer perguntas, falam em nome de outro: “Uma amiga minha quer saber..., aconteceu com um amigo... etc.” Na roda de conversa, disseram que usam essa estratégia de preservação para falar de si mesmos. Estratégia desmascarada no seu próprio ocultamento, visto que, na plateia do programa analisado, alguns jovens desconfiam de quem quer realmente saber. Nesse breve “exemplo”, analisando um quadro de um programa de TV, creio termos, juntos, pesquisadores e jovens, desembaralhado um pouco umas linhas do dispositivo, em que se encontram presentes controle e resistência.

Pensemos então no conceito de dispositivo agora evocando o cotidiano da pesquisa, sobretudo na pesquisa-intervenção, à qual as pesquisas que venho desenvolvendo com o vídeo tentam se alinhar... Pesquisar com os jovens, problematizar a nossa implicação, trabalhar com grupos, saber que nossa intervenção atua na micropolítica do cotidiano da escola, buscar transformação...

Seja na Análise Institucional ou na Cartografia, o conceito de dispositivo coloca-se como estratégia de intervenção utilizada pelo pesquisador para gerar acontecimento. Próximo ao conceito de agenciamento de Deleuze e Guattari, o dispositivo, segundo Gregório Barembliitt em seu *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes*, conecta elementos e forças heterogêneas que ignoram os limites formalmente constituídos, em territórios instituídos, aparentemente cristalizados. Problematizando a pesquisa de base cartográfica, Virgínia Kastrup discute como uma das pistas de seu trabalho o uso de dispositivos, que opera na pesquisa de campo a função de produção da realidade. O grupo de supervisão, as oficinas criadas, o diário de bordo podem atuar então como dispositivos. Na pesquisa-intervenção, seja de base institucionalista ou cartográfica, o dispositivo não é uma técnica a ser aplicada, mas encontra-se prenhe de ato político, conectando acontecimentos aparentemente desconectados para tentar produzir singularidade, multiplicidade.

Acreditamos que o uso do vídeo pode atuar como provocador de acontecimentos na pesquisa. Nós e os jovens filmávamos nossos encontros, víamos imagens/falas gravadas por nós mesmos, discutíamos trechos de programas e publicidades de televisão, aprendíamos como fazer um vídeo. A cada encontro algo se produzia, e só se produzia porque estávamos atravessados pelos mais diversos usos do vídeo na pesquisa.

Acontecimento? Qual a nossa surpresa que diante da possibilidade de fazer um vídeo cujo tema era sexualidade e juventude, os jovens decidiram fazer algo que “chocasse”, segundo eles próprios. Sendo estimulados, em um dos encontros da oficina de vídeo, a produzir um *Storyline* de uma ficção, os alunos decidiram reproduzir esse formato, criando um roteiro sobre uma adolescente que morre sete anos após contrair HIV, deixando uma carta aos pais. Segundo eles, esses tema e formato serviriam com o propósito de alertar, de forma contundente, os jovens a respeito da importância do uso de camisinha. Havíamos debatido sobre a redução da sexualidade juvenil ao uso ou não de camisinha, amplamente divulgado na mídia. Havíamos discutido o controle-estimulação presente nessas mensagens. Porém, ao escolher um tema para o vídeo, eles parecem assumir as formas adultocêntricas e midiáticas para tratar de sua própria sexualidade.

Um incômodo pairou entre nós, pesquisadores. Ao pensar um vídeo, como possibilidade de enunciação de si, permane-

ciam trilhando o mesmo caminho... Chegamos a perguntá-los se não achavam que, na própria televisão, não havia atualmente a visão de que Aids mata e que as campanhas estavam priorizando a prevenção e a não a discriminação com os portadores de HIV. Na hora responderam: “Mas a gente quer chocar!”. E agora? Questionamos-nos. Havíamos dito que eles seriam livres para criar um vídeo. Havíamos trabalhado o controle-estimulação da sexualidade na mídia, a espetacularização, mas essas práticas discursivas ainda os subjetivavam e é sobre isso que gostariam de falar...

Eles não falavam o que gostaríamos de ouvir, mas, sem dúvida, estavam falando sobre si. Decidimos que acompanharíamos esse processo, problematizando-o com os jovens.

O roteiro foi gravado e editado por eles mesmos. No vídeo intitulado “Os bons morrem jovens”, título homônimo da música do grupo Legião Urbana, presente na trilha sonora, percebeu-se a tendência à reprodução da cultura do choque, da espetacularização, de conteúdos higienistas, propagados constantemente na família, na escola, na mídia, atrelando a sexualidade juvenil à esfera da prevenção-doença. Por outro lado, o vídeo também evocou a vontade que sentem em conversar mais com suas próprias famílias, principalmente as meninas. Durante o grupo, por diversas vezes abordaram a diferença de gênero no trato da sexualidade dos jovens. Certa vez uma aluna disse: “[...] só que [com] meu irmão sempre ela [a mãe] foi mais liberal com relação a essas coisas... é tanto que ela dá dinheiro pra ele comprar camisinha.. essas coisas assim... entendeu? [...] mas é porque o homem foi criado dessa forma, né? A mulher sempre protegida e o homem sempre liberal... porque antigamente era ele e também nossos pais foram criados assim... por isso é assim... querendo ou não a mulher é mais protegida do que o homem...”

No vídeo, a carta deixada pela menina evoca a falta que sentia de conversar com seus pais. O vídeo, enquanto dispositivo, evoca a reprodução de modos determinantes, ao mesmo tempo em que propõe uma fissura, de ter espaço, à margem de um moralismo, em que meninos são incitados ao uso de camisinha quando começam a namorar e meninas são aconselhadas a “tomar cuidado e não se entregar”...

Dispositivo captura, controle. Dispositivo estratégia de pesquisa, resistência, subjetivação. Dispositivo agenciamento, acontecimento... Conceito polissêmico e complexo que aqui procuro discutir com vocês. Há ainda o risco de que, de tão amplo, ele nada ou quase nada nos faça ver, nos faça fazer... Aposto, no en-

tanto, na necessidade ainda desse conceito. Trata-se de apostar na polissemia e, à maneira de Bakhtin, mantê-la no tensionamento.

Sem ter qualquer pretensão de ter esgotado o assunto, por fim tento sistematizar o uso do vídeo nessa pesquisa. Em termos resumidos, penso que o uso do vídeo funcionou como:

1. Documento: Encontraram-se presentes falas, atitudes, gestos, considerando a intencionalidade de quem filmou. Nesse sentido, não apenas o que é filmado, mas como se filmou, o que foi privilegiado, o que ficou à margem do enquadramento também foram por nós discutidos.
2. Disparador de debate: No grupo, vídeos veiculados na TV e na internet, trazidos seja pelos pesquisadores, seja pelos jovens alunos, foram vistos e analisados conjuntamente, provocando muitas vezes uma ressignificação das “informações” cotidianas.
3. Restituição da pesquisa: Algumas cenas do grupo de discussão, após editadas pelos pesquisadores, foram vistas e discutidas com os jovens. Muitas vezes a visualização da própria imagem ganhou destaque no debate.
4. Objeto de estudo: Presente, sobretudo, na oficina de vídeo. Trabalharam-se questões técnicas, éticas e estéticas na construção de uma narrativa através do uso da câmera.
5. Enunciador de si: Produção de vídeo com os próprios jovens. O que o uso do vídeo os fez ver e falar.

Esses não foram momentos estanques e se interpenetraram; neles, um mingau de enunciação e visualidade se colocou, estando presentes tanto formas de controle/confissão, quanto forças de resistência.

Em todos os momentos, o vídeo como dispositivo apareceu, conforme diz Solange no texto que mencionei, como um terceiro interlocutor, que ocupou um lugar ambivalente no campo, ora favorecendo, ora dificultando o processo da pesquisa... Gostaria de saber: isso faz sentidos para vocês? Que lacunas a minha problematização aponta?

No início desta carta, trouxe como interlocutor Ítalo Calvino. Aqui termino também com o escritor. Como tentei problematizar, trouxe minhas inquietações no trabalho com o vídeo. Porém ao reler a carta fiquei com a impressão de ter criado um modelo a ser seguido por aqueles que pretendem trabalhar com vídeo em

suas pesquisas. Lembrei-me, então, do conto “O modelo dos modelos”, do livro *Palomar*. Com o personagem homônimo, Calvino discorre sobre os percalços de Palomar em criar um modelo ideal para pensar a realidade. Aos poucos, na impossibilidade de êxito no seu empreendimento, o personagem vai criando uma infinidade de modelos, imaginando-lhes mais que aplicando. Tenta então apagar da mente os modelos, e os modelos dos modelos, pois a realidade não é homogeneizável e lhe escapa o tempo todo. O que fazer então? Aparentemente sem saída, Calvino assim encerra seu (belo) conto: “*Só lhe falta expor esses belos pensamentos de forma sistemática, mas um escrúpulo o retém: e se daí decorresse um modelo? Assim prefere manter suas convicções em estado fluido, verificá-las caso a caso e fazer delas a regra implícita do próprio comportamento cotidiano, no fazer ou no não-fazer, no escolher ou no excluir, no falar ou no calar-se*” (CALVINO, 1990, p. 100).

Bem, pessoal. É isso...
Forte abraço,

Luciana Lobo Miranda

P.S.¹: Lendo e relendo, fico na dúvida se consegui colocar com clareza minhas inquietações... Peço de antemão desculpas se algo ficou truncado ou excessivamente inacabado, mas, como toda carta, gostaria de ter respostas... Críticas, sugestões e questionamentos serão muito bem vindos.

P.S.²: Abaixo as referências presentes no que escrevi:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos: 1992.

CALVINO, Ítalo. Visibilidade. In: _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras. 1988. p. 95-114.

CALVINO, Ítalo. O modelo dos modelos. In: _____. *Palomar*. São Paulo. Cia. das Letras, 1990. p. 97-100.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. *Folha de São Paulo*, 27 jun. 1999. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/31368158/Gilles-Deleuze-O-ato-de-Criacao>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega, 1996. p. 83-96.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FISCHER, Rosa Bueno Dias. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal. 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2007.

JOBIM E SOUZA, Solange. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. *Ciências Humanas e Pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007.

JOBIM E SOUZA, Solange. Por uma epistemologia da imagem técnica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 6, n. 2, p. 206-210, ago./dez. 2011.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. *Pesquisa-Intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro; NAU, 2008. p. 465-489.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.